

A BEIÇADA

Beijada. Palavra derivada do verbo beijar, para designar atos estranhos tais como: tropeçar na rua e fingir que está correndo para ninguém rir de você; chamar um cão chamado de Flock de Clóvis; procurar desesperadamente seu óculos, que você guardou no topo da cabeça; esquecer datas importantes, tais como o aniversário de sua mãe; perder prazos urgentes, vestir meias de cores diferentes sem perceber.

Olhou o relógio e depois a lua. Tornou a repetir o gesto por dez vezes, sincronizadamente com os passos dados em direção ao ponto de ônibus, odiando-se por saber que talvez um psiquiatra lhe diagnosticasse o TOC (transtorno obsessivo compulsivo).

Estava só. A rua lhe parecia assustadoramente escura, especialmente porque estava no meio do nada, cercada de terrenos baldios, com um mato alto e horripilante. Nunca se sabia o que existia por trás dessa cortina verde. Muitas vezes podia ser cobras e em outras, quem sabe, um bandido. Praguejou pela milionésima vez. Que razões poderia haver para que construíssem faculdades no meio do nada?

Soltou um suspiro tão alto que até se surpreendeu. Olhou, de repente, o negrume do céu, pincelado de estrelas e, nesse momento, notou algo estranho: o barulho de passos cadenciados atrás de si. Arrepiou-se. Estaria sendo seguida? Tentou caminhar mais rápido e apurou a audição bem a tempo de perceber que seu opressor também fez o mesmo.

Olhou disfarçadamente por cima do ombro esquerdo. Uma gota de suor caiu de sua têmpora. Era negro, alto e vestia-se com roupas de estilo duvidoso. As pernas fraquejaram, as mãos ficaram trêmulas. O ar parecia faltar. Como explicar a sensação gélida que tinha em sua face? Não... Não havia tempo nem condições...

Começou a correr. Atrás de si escutou seu opressor correndo, num ritmo semelhante. Entrou em pânico, uma vez mais, diante da

certeza absoluta de que ele iria matá-la... A grande questão seria como!

Droga de mundo; droga de vida! Não estava fantasiando, nem sendo preconceituosa pelo fato dele ser negro. Ou será que estava? Teria corrido se ele fosse louro, branco como leite e usasse terno? Droga de preconceito; droga de vida! Centenas de anos após o término da escravidão, ainda se viam coisas como aquela: o preconceito.

Mas o que dizia a si mesmo? Nunca em toda a sua vida viu alguém vestido de terno correndo no meio da escuridão. Branco ou negro a conduta era suspeita. Não! Não poderia estar fantasiando, afinal de contas ele também apertou o passo quando ela começou a andar mais rápido. O que um rapaz estaria fazendo sozinho naquele local e àquela hora? Percebeu-se sem noção, pois o que ela fazia ali naquela hora e sozinha? Ela podia muito bem ser uma bandida!

Sacudiu a cabeça de leve. Sim estava louca. Quantas vezes já ouviu histórias de pessoas que enlouqueciam antes de morrer? Estava fora de si. Uma lágrima escorreu por sua face. Ele, certamente, iria esquartejá-la e colocar seu corpo numa mala.

Talvez não usasse uma mala. Talvez preferisse jogar seu corpo em meio ao matagal. E se ele resolvesse torturá-la antes de cometer o crime? Não! Teria que morrer de modo digno e sem complicações. Queria uma morte normal, daquelas que parecia estar dormindo. "Deus, por favor, me ajude a morrer sem sentir muita dor", rezava em pensamentos.

"Droga de vida, por que tinha que ter saído da faculdade sozinha?", praguejou, novamente. Nem se importava de rezar e praguejar ao mesmo tempo, afinal de contas, alguns pecados a mais ou a menos não fariam diferença para alguém que está prestes a a ver Deus pessoalmente!

E ela seria conhecida por todo o mundo como a garota da mala e, certamente, o crime ficaria impune, pois quem em sã consciência cometeria a asneira de andar sozinha no meio daquele nada? Na pior

das hipóteses, caso ele não tivesse uma mala, ela seria conhecida como a estudante que foi achada no meio do matagal!

Podia ver as manchetes nos jornais: "Estudante pobre, sem carro, foi encontrada morta aos pedaços dentro de uma mala abandonada perto da fonte da praça da matriz. Autor do crime ainda desconhecido". Não, essa manchete está muito sensacionalista, pensou enquanto olhava o relógio outra vez.

Por que será que se pensava tanto antes de morrer? Diziam que era possível rever a vida inteira em um segundo! Sentia os calcanhares baterem em suas nádegas, tamanha era a velocidade e desespero com que corria. Lá se foi seu salto alto, sua classe, sua dignidade. Mas como podia pensar em salto alto e em dignidade se estava prestes à morrer?

Fez menção de ligar para o namorado ou ao irmão, mas a realidade era dura: ou corria ou ligava! Pensou em gritar, mas a voz não saía... Um fio de esperança fez suas energias triplicarem ao avistar o ponto de ônibus, fracamente iluminado pelo poste! Era sua chance. Quem sabe até poderia sair viva? E foi em meio a essa pequena alegria que aconteceu... Ela tropeçou.

Mal teve tempo de se apoiar... Mas se apoiar em que se estava em meio ao nada? Uma perna havia se enroscado na outra, após uma pedra meter-se em seu caminho! "No meio do caminho tinha uma pedra; tinha uma pedra no meio do caminho ". Em meio ao desespero, jurou a si mesmo que mataria Carlos Drummond de Andrade se ele cruzasse seu caminho, com a tal da pedra.

O opressor chegava cada vez mais perto; chorava alucinadamente, sem forças para continuar. Um dos saltos se soltou do sapato, ficando dependurado. A calça rasgou bem na região do joelho. Estava, enfim, igual àquelas modelos malucas dos filmes de terror: completamente desgrenhada e indefesa.

Ele se aproximou encarando-a fixamente. Desistiu de lutar. Melhor morrer sentada do que em pé correndo e sem ar. Fez questão de encará-lo fixamente. Não seria covarde. Se era para morrer, repetia a si mesma, seria com dignidade, mas ao simples pensamento

de estar dentro de uma mala, um arrepio subiu-lhe nas costas doloridas.

_ Moça! _ exclamou o opressor _ Está tudo bem?

_ O que? _ exclamou espantada _ Do que está falando?

_ Perguntei se está bem... Que tombo feio! Melhor levantar para ver se não se machucou de modo mais feio! _ estendeu-lhe a mão atenciosamente.

Mal podia acreditar! O que ele queria de fato afinal? Onde estaria ele escondendo a arma? Em que momento ele iria desferir o golpe fatal? Levantou-se com medo estudando um modo de recomeçar a corrida, mas estava terrivelmente dolorida.

_ Consegue ir ao ponto sozinha, moça?

_ Sim... _ gaguejou _ Acredito que sim!

_ Bom, me desculpe... Vou ter que correr... Meu ônibus está de partida e estou prestes a perdê-lo!

Ela permaneceu estática e sequer correspondeu ao sorriso que o "opressor" lhe lançou ao se despedir. Viu ele correr até o ônibus, chegando bem a tempo de toma-lo antes de partir. Aquela, sem dúvida era a sensação mais estranha que havia vivenciado. Há um minuto atrás tinha se conformado em se tornar a mulher da mala e agora estava novamente viva.

Andava coxeando pela rua, sem ao certo saber se sentia vergonha ou alívio por tudo não ter passado de um engano absurdo. Agarrou-se à porta do ônibus praticamente morta. Estava sem ar e todo o corpo dormia. Todos os passageiros a encararam e pelo reflexo no vidro assustou-se com sua aparência. Parecia uma bandida.

Sentou-se com a certeza de que não passava de uma boba. Sentia vontade de chorar. Por mais que tivesse desgrenhada, ela não era uma pessoa má, porém, ninguém dentro do ônibus sabia de seu real caráter e do que havia passado. Queria gritar ao mundo que era uma pessoa boa, mas desistiu ainda mais envergonhada.

Como os homens podem sonhar em tornar o mundo um lugar melhor se estão sempre julgando mal seu semelhante? Como ela havia sido estúpida julgando aquele rapaz! E como os passageiros daquele

ônibus estavam dando continuidade naquela cadeia de estupidez, julgando-a mal pelo modo como estavam sua roupas.

Freqüentavam-se faculdades, descobriam-se novas tecnologias, mas ninguém nunca havia descoberto a fórmula mágica para evitar que os homens partissem do pressuposto de que só se podia esperar coisas ruins de seus semelhantes!

Tinha uma pedra no meio de seu caminho e no meio de seu caminho havia uma pedra e graças a essas pedras aprendeu a encarar os homens de um modo mais poético e positivo, Sim, pobre Drummond, até ele foi prejudgado naquela noite absurda...